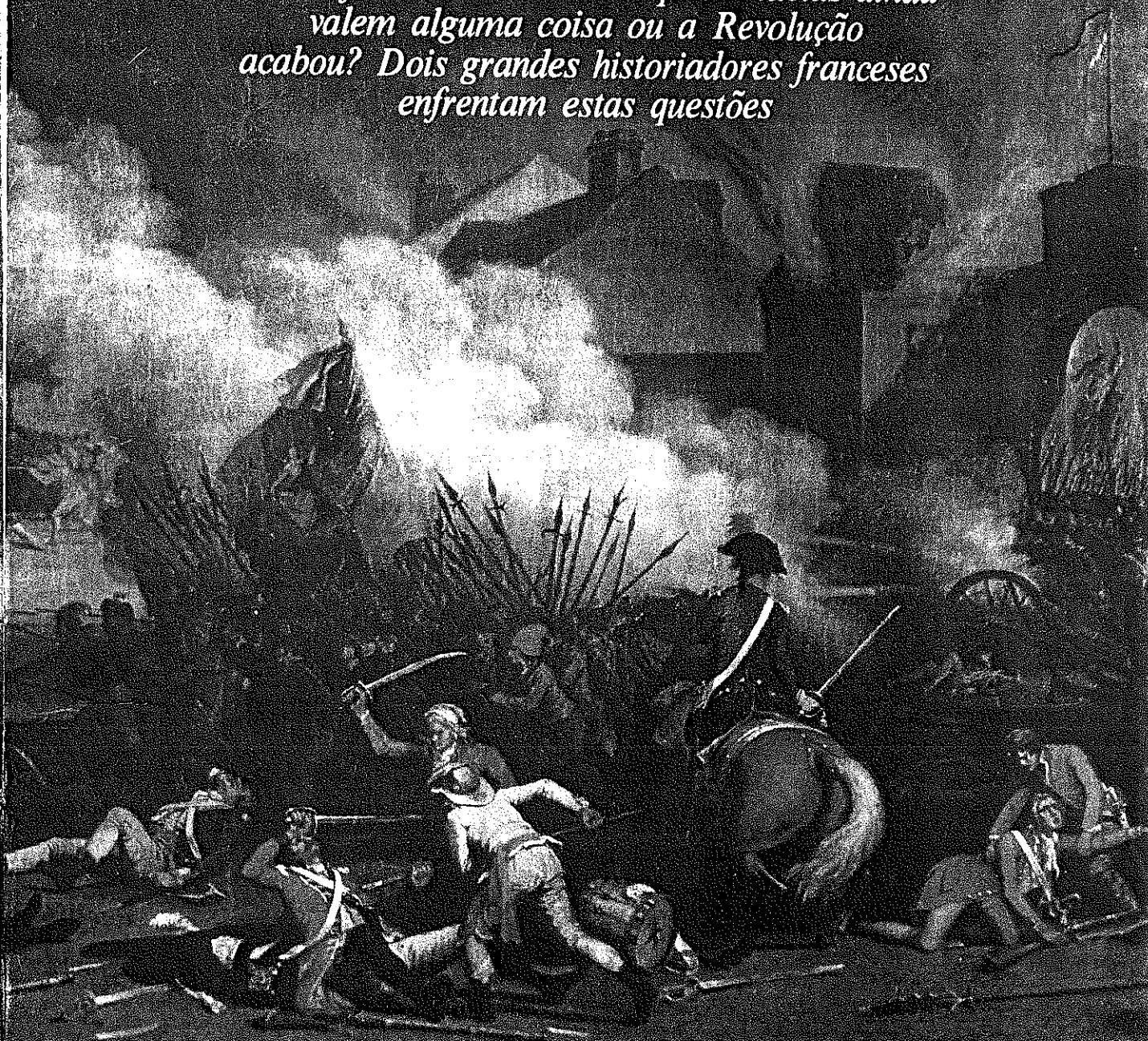
DEBATE HISTÓRICO

TERROR OU LIBERDADE?

Foi ato "justo" ou "injusto"? Os massacres foram ou não foram inevitáveis? Aquelas idéias ainda valem alguma coisa ou a Revolução acabou? Dois grandes historiadores franceses enfrentam estas questões

Revolução e liberdade. Revolução e Estado moderno. Mas também Revolução e violência, ditadura, terror, Estado despótico. Conseqüências da "força das coisas", como dizia Saint-Just, ou da própria idéia revolucionária? A partir daí, esta é a questão seguinte: a democracia consolidou-se na França e em muitos outros países ocidentais graças a herança deixada pela Revolução ou por que "a Revolução acabou", como sustenta o historiador François Furet? Duzentos anos depois o debate é áspero, principalmente entre historiadores. Cara a cara, aqui, François Furet, corifeu da chamada "escola revisionista", e Maurice Agulhon, que no Collège de France dirige uma corrente bem mais próxima das interpretações tradicionais.

P – *Questão de fundo: a Revolução Francesa foi um ato "justo"? Era mesmo inevitável a sua eclosão e eram mesmo inevitáveis as formas políticas que assumiu?*

FURET: Eu não creio na inevitabilidade da história. No fim do século XVIII, realmente inevitável era a necessidade de uma atualização. Nem a monarquia absoluta nem a sociedade aristocrática nem a Igreja de então podiam perdurar. Mas por que as formas da mudança teriam de ser obrigatoriamente aquelas que se deram? Que inevitabilidade havia, por exemplo, no fato de que naqueles anos a França tivesse um rei tão irresponsável quanto Luís XVI? Enfim, se perguntam se tudo o que aconteceu poderia ter ocorrido de outra maneira, eu respondo com toda a certeza que sim.

AGULHON: Certo, mas é fato que a atualização não houve e que Luís XVI, mais que irresponsável, foi um monarca intelectualmente integrado no *Ancien Régime*, que recusou as reformas, e que também, quando teve de aceitá-las, o fez com a finalidade de partir de posições mais vantajosas. Foi ele quem tornou quase inevitável a radicalização dos seus adversários. A Tomada da Bastilha e os primeiros linchamentos nas ruas de Paris não teriam acontecido se, no dia 11 de julho de 1789, o rei não tivesse decidido demitir o ministro Necker e não tivesse enviado às praças a cavalaria. O caráter violento da Revolução teve como primeiro responsável a resistência contra-revolucionária.

FURET: Eu não concordo. Não podemos esquecer que Luís XVI chamou para dirigir as Finanças reformadores como Turgot e Necker, e que hesitou até o último momento antes de passar a tarefa para a aristocracia. Não se pode falar de uma fatal orientação anti-reformista da monarquia francesa, mas apenas de um rei que não chega até o fim de sua política. O verdadeiro problema, no entanto, é um outro. O que caracteriza a Revolução Francesa em sua prática é que mal se concilia com a liberdade política. Por duas vezes a Revolução, antes com Robespierre e depois com Bonaparte, exprime alguns períodos incompatíveis com os Direitos do Homem e com a liberdade. Sobre esse ponto, Agulhon, estamos em desacordo. Você atribui ao papel da contra-revolução a responsabilidade desses desvios não liberais. Eu não nego isso, mas digo que não é tudo, e que na cultura democrática revolucionária de 1789 existem alguns elementos incompatíveis com a liberdade. Em outras palavras, eu digo que a dinâmica da Revolução é potencialmente despótica.

AGULHON: Não concordo com uma reconstituição dos fatos que pretende explicar o Terror a partir de Rousseau. Se Luís XVI tivesse aceito um sistema monárquico do tipo inglês, ou se tivesse aceito as recomendações de Mirabeau e dos Constituintes, Robespierre teria tido alguma possibilidade de chegar ao poder? Acredito que não.

FURET: Eu me lembro dos meus tempos de estudante, só me falavam disto, mas nunca explicavam as razões internas do desvio terrorista . . .

P – *E agora, o sr. poderia explicá-las?*

FURET: O fenômeno revolucionário francês logo se caracteriza por uma total recusa ao *Ancien Régime* – o que não estava escrito nas estrelas e tampouco na necessidade – e depois pela idéia de que aos franceses cabia o papel de inaugurar um novo capítulo da história. Agora, a esta idéia logo se junta aquela da regeneração do povo. Na união das duas, chega-se facilmente à sucessiva, que é aquela de formar um homem novo, um povo de *citoyens*, de sujeitos. Daqui, também, é fácil alcançar, enfim, a idéia das limitações da liberdade. A Revolução Francesa foi maniqueísta desde o primeiro momento.

P – *Outro aspecto não liberal não reside no fato que ele chega a conceber a soberania apenas como una e indivisível?*

FURET: Claro. Enquanto os norte-americanos, naqueles mesmos anos, se colocam o problema de subdividir a soberania do povo, os franceses não se dão conta que também ela pode tornar-se despótica quando não se faz dela um uso sábio. Basta comparar as *Federalist Letters* que comentam a Constituição norte-americana do 1787 com os debates

Eu não creio na inevitabilidade da História. Se me perguntam se tudo o que aconteceu poderia ter ocorrido de outra maneira, eu respondo que sim. **(Furet)**
Foi Luís XVI quem tornou quase inevitável a radicalização dos seus adversários. **(Agulhon)**

franceses do agosto-setembro de 1789: pode-se notar muito bem esta enorme diferença. Enfim, a Revolução Francesa produz uma cultura política pela qual já não é possível cogitar do pluralismo.

AGULHON: Mas os norte-americanos, depois de realizada a sua revolução, não tiveram de enfrentar os contra-revolucionários, que voltaram para a Inglaterra ou emigraram para o Canadá. Assim toda a vida política pôde ser levada por pessoas que tinham em comum a adesão aos mesmos princípios. Na França as coisas correram de outra forma, a gente sabe. Hoje temos de enfrentar outro problema: quando se fala de uma tradição democrática francesa acaba-se por falar em jacobinismo e liberalismo. Também nesse ponto pensamos de forma diferente. Você exaspera o antagonismo entre Jacobinos e Liberais. Isso seria verdadeiro numa situação de tábula rasa, mas na França a força principal que conseguiu impor-se depois da Revolução, e que foi derrotada somente entre 1870 e 1880, foi uma direita nem jacobina nem liberal, porém republicana e contra a qual nossos Jacobinos e nossos Liberais lutaram juntos. As tentativas de dar novamente vida aos Comitês de Saúde Pública, as ditaduras populares, foram raras (penso em Blanqui, nos *Comunards*, nos anônimos de junho de 1848) e sempre foram derrotadas pelos próprios republicanos. O partido republicano na França passou seu tempo conquistando uma a uma as liberdades, ao lado dos Liberais e contra o partido autoritário e clerical. Na nossa história, os perigos autoritários sempre vieram da direita, não da extrema esquerda.

FURET: Não me convence. Se estudarmos os últimos seis meses do 1789 e os primeiros seis do 1790, recomenda-se o emprego de uma lente de aumento para descobrir os sinais da contra-revolução. Realmente, Agulhon, o que dá força à contra-revolução em 1790? Eu lhe digo: a constituição civil do clero. E que mais obrigou a Revolução a enfrentar a Igreja católica? Nada. E nada ainda obrigava, uma vez nacionalizados os bens do clero, a fazer eleger os bispos pelos cidadãos, com o risco conseqüente de empurrar toda a população tradicionalista para o campo da contra-revolução. Teria sido a guerra? Há quem diga: os franceses fizeram o Terror por causa da guerra. Mas quem quis a guerra? A própria Revolução. E por quê? Com a única exceção de Robespierre, os demais revolucionários queriam a guerra para separar a monarquia da Nação, para levar a cabo aquilo que 1789 não fez. Quer dizer, para colocar o rei da França – que tem dez séculos de familiaridade com as boas e más horas da Nação – ao lado dos inimigos da França, e alcançar com isso a República.

P – *E quanto à herança deixada para a França e o mundo do século XIX?*

FURET: Eu não considero liberais os Jacobinos. De saída: na Restauração os Jacobinos são na maioria bonapartistas. E não creio que se possa colocar o bonapartismo no campo liberal. Permito-me lembrar a meu caro Agulhon que o bonapartismo não é uma forma política resultante do *Ancien Régime*, mas faz parte da herança revolucionária. E o que acontece em 1830 com Luís Felipe? O orleanismo é a primeira tentativa de síntese da herança revolucionária. Mas por que fracassa? Porque tem contra si de um lado a direita aristocrática e clerical, do outro Jacobinos e Socialistas, que votam compactamente contra o liberalismo. E acontece a mesma coisa na Segunda República: como reação a seu conservadorismo, os Jacobinos desempenham um papel importante no sucesso de Luís Napoleão Bonaparte. Conseqüentemente, o que mais me impressiona durante o século XIX não é a força do liberalismo, mas a sua fraqueza, porque a liberdade é atacada ao mesmo tempo pelas duas partes, pelos Jacobinos e pela direita. Para não falar dos Socialistas da época, que criticavam os Direitos do Homem.

> *Os nossos Jacobinos e os nossos Liberais lutaram juntos.* **(Agulhon)** *Eu não considero liberais os Jacobinos. Na Restauração, os Jacobinos são na maioria bonapartistas e eu não creio que o bonapartismo seja liberal.* **(Furet)**

AGULHON: Tudo certo, Furet. Mas bastam algumas colocações e as suas contas não batem mais. A guerra: primeiramente é necessário reconhecer que foi recusada pelos revolucionários mais inteligentes e você mesmo lembrou muito justamente que Robespierre era contra ela. Era desejada, ao contrário, quer pela corte, quer pelos emigrantes. Vamos à política religiosa: se é verdade que a constituição civil do clero configurou um erro grosseiro, não podemos esquecer que de fato a Igreja era contrária ao novo sistema, contra algumas das suas inovações como a liberdade de consciência e a equiparação de todos os cultos religiosos. Enfim, o jacobinismo no século XIX: fala-se de Jacobinos para andar depressa e usar um símbolo, mas, na realidade, eu prefiro falar de Republicanos. Os quais, durante todo o século, foram levados mais a reivindicar do que a destruir a liberdade. Não existe a mínima dúvida a

respeito.

P – *Que relação havia, então, entre liberdade e cultura da Revolução?*

AGULHON: Parece-me que os pontos essenciais do sistema de liberdade, que hoje usufruímos, foram estabelecidos pelos regimes que oficialmente e firmemente seguiram o rastro de 1789 e de seus princípios. Quero dizer, sobretudo, a monarquia de Julho, com Luís Felipe, que é levado ao trono pela Revolução de 1830 e, em seguida, a Terceira República. Em compensação, cada vez que a França foi governada por regimes abertamente hostis à Revolução, eis que as liberdades foram ameaçadas, como se deu durante a Restauração dos anos 1880, a fase autoritária do Império. Enfim, eu creio que a ligação entre cultura revolucionária e liberdade, na França, tenha sido positiva.

> *Os pontos essenciais do sistema de liberdade de que hoje usufruímos foram estabelecidos pelos regimes que seguiram os rastros de 1789.* **(Agulhon)** *Mas surgem elementos antiliberdade, embora originários da Revolução.* **(Furet)**

FURET: Eu também acho. Mas a tradição é confusa. O ponto é estabelecer o seguinte: no pós-Revolução surgem elementos contrários à liberdade, embora provenientes da mesma Revolução. Penso principalmente no blanquismo, no jacobinismo de complô e no bonapartismo . . .

AGULHON: Não, você não pode inserir o bonapartismo na tradição revolucionária.

FURET: Por quê? Quem é que elege Luís Napoleão em 1848?

AGULHON: O povo, está claro.

FURET: E em nome do quê?

AGULHON: Em nome de sua soberania . . .

FURET: . . . e em nome dos interesses nacionais e da *égalité*. Pronto, estamos em plena Revolução.

AGULHON: Sim, mas contra a liberdade. O papel histórico do bonapartismo foi demonstrar aos republicanos, que eu considero os herdeiros mais autênticos da Revolução, que o sufrágio universal não é uma panacéia e que numa soberania do povo unânime existem muitos perigos.

FURET: As coisas são bem mais complicadas. Foi o mesmo bonapartismo que durante 20 anos preparou os espíritos para a República provocando a separação da França do *Ancien Régime* através da revolução econômica, as ferrovias, um início de bem-estar no campo, o desenvolvimento da educação. Conseqüentemente, as duas décadas de Napoleão III podem muito bem ser consideradas como uma fase que prepara o terreno para a unificação republicana.

AGULHON: Claro, de resto Gambetta o reconheceu, certa vez.

FURET: Depois, há um segundo elemento a ser considerado. Também eu amo muito os fundadores da Terceira República, mas você sabe que se conseguiram fundá-la é porque houve aquela feroz repressão contra a Comuna em 1871. Houve pelo menos 20 mil mortos. Então eu digo que foi justamente esta repressão que exorcizou o espectro do jacobinismo entre as classes dirigentes e os camponeses franceses, e que permitiu uma união das forças do centro parlamentar em volta do projeto republicano. Uma República que se livrou, e a que preço, do demônio das suas origens . . . Além do mais, não podemos esquecer que os homens da Terceira República, Gambetta e Jules Ferry eram positivistas, isto é, discípulos de Auguste Comte.

P – *Que quer dizer?*

FURET: Comte foi adversário da Revolução, da soberania do povo e dos princípios de 1789, que considerava absurdos. Auguste Comte é o que há de mais próximo de Marx que a cultura francesa tenha produzido, ou um pensador para quem a história, na sua evolução, revela enfim uma ordem conforme a razão. E é muito interessante que Ferry e os republicanos tenham fundado a liberdade na França sobre princípios de 1789, reforçados por uma filosofia da história muito diferente da tradição revolucionária, aliás contraditória em relação a ela.

AGULHON: Desculpe, Furet, mas não lhe ocorre a dúvida de que tenham recuperado do positivismo principalmente a idéia do progresso, da racionalidade? Isto não seria uma arma para combater aquilo que era para eles o inimigo número um, o espírito religioso? Me parece que os verdadeiros herdeiros de Auguste Comte se encontram entre os seguidores de Maurras, o ideólogo da burguesia francesa mais conservadora, o animador da *Action Française*, que se identificava com Mussolini, Franco e Pétain. Isso posto, estou pronto a reconhecer que aqueles Republicanos eram fundamentalmente antijacobinos. Há provas evidentes nos textos dedicados à Revolução na época do primeiro centenário. Diante da reação de 9 Termidor, que põe um fim ao Terror, já não se entende de que lado está a razão e prefere-se procurar além-fronteira os modelos edificantes.

FURET: Se você aceita a idéia de que para fundar a Terceira República os Republicanos foram obrigados a repudiar os primeiros

dois anos de República, 1792 e 1793, isto significa que havia, em sua maneira de perceber a herança republicana, algo de inaceitável para partidários da liberdade. E, efetivamente, está bem longe de ser puro o legado da Revolução. Pergunto: por que foi tão difícil governar o povo francês no decorrer do século passado? Porque recusava a monarquia enquanto *Ancien Régime* e recusava a República, porque lembrava o Terror. E o que é um povo que recusa a monarquia e a República? Um povo bonapartista.

AGULHON: Esse mesmo povo acabará por aceitar a República quando lhe será apresentada sem o Terror. A herança da Revolução é o ano de 1789 e é deste acontecimento que será celebrado o bicentenário. Se depois as celebrações não provocam o entusiasmo, ao contrário, suscitam algumas resistências, é só porque existe a idéia, tanto mais difundida quanto menor é o conhecimento histórico, de que a Revolução foi apenas um momento violento, sanguinário e às vezes cruel. Mas esta leitura é, a meu ver, um tanto injusta: porque é em nome dos princípios do 1789 que nós hoje rejeitamos as realidades de 1793.

FURET: Neste terreno a gente vai se entender facilmente. O que une a opinião pública, salvo algumas exceções, como os católicos integralistas, são as conquistas da Revolução, a civilização dos Direitos do Homem, a soberania popular. São as idéias que servem ainda como base das sociedades contemporâneas. Mas quando se fala de Revolução Francesa não é necessário confundir o balanço com as modalidades. Excluindo-se algum belo dia de 1789, em seu conjunto o processo revolucionário comportou muitos acontecimentos trágicos. E na França de hoje a gente não tem mais qualquer pendor pela violência revolucionária.

AGULHON: Pode ser um paradoxo, mas é verdade que tivemos de esperar por 1981, pela eleição de François Mitterrand e por uma clara maioria parlamentar para abolir a pena de morte. E foi ainda essa maioria que lançou o bicentenário e tem orgulho da Revolução. São, pois, os amigos da Revolução que conseguiram eliminar a guilhotina, Furet. E, veja só, são aqueles que mais ferozmente detestam a Revolução que hoje desejam restabelecer a pena de morte.

FURET: A esquerda que chegou ao poder na França em 1981, mesmo se à época não o sabia, não é revolucionária. Os socialistas na França vencem no declínio do comunismo.

> *Os socialistas na França vencem com o declínio do PC.* **(Furet)** *Não, na França a esquerda não precisa ser revolucionária, porque o poder se distribui através do sufrágio universal livremente manifestado.* **(Agulhon)**

AGULHON: Não, a esquerda na França não tem mais a necessidade de ser revolucionária porque o poder se distribui através do sufrágio universal livremente manifestado. É a Revolução que venceu e é graças a esta vitória que não há necessidade de outra.

FURET: Gostaria de ser claro. Eu não acho que o câmbio entre revolução e violência leve fatalmente ao desastre. Digo apenas que é potencialmente perigoso.

P – *Há dez anos, o sr. Furet escreveu que a Revolução Francesa terminou. Que pretendia dizer?*

FURET: Não queria dizer que as conquistas revolucionárias estivessem perdidas, queria dizer apenas que a cultura revolucionária estava morrendo com a morte do Partido Comunista. É necessário prestar atenção: os franceses estão acostumados a pensar que revolução e democracia andam juntas. Eu digo exatamente o contrário: porque a França hoje é uma democracia mais avançada do que antes, ela recusa a violência. Nestes dez anos a minha tese foi confirmada por tudo: o consenso nas instituições, o declínio do Partido Comunista, o fim do conflito entre Igreja católica e democracia, a transformação do conceito de nação. A idéia de que é preciso apoderar-se do Estado para mudar a sociedade, hoje em dia, está morta.

AGULHON: Eu serei menos categórico. Certo, existe hoje na França um consenso intelectual e político profundo em torno da democracia liberal. Mas sem querer empregar palavras grandes como "subconsciente-coletivo", convido-o a encarar certas reações provocadas pelo bicentenário. Muita gente disse: "É impensável celebrar uma Revolução que massacrou milhares de pessoas na Vendée." E não se tratava de uma minoria.

FURET: A França vota na esquerda, trata-se portanto de reações residuais.

AGULHON: 54% vota na esquerda e 46% vota na direita. Não se trata de resíduos. Eu digo que existe uma contradição profunda entre quem é hostil ao bicentenário e os outros.

FURET: Mas existe consenso na celebração dos Direitos do Homem, que é justamente o que será feito.

AGULHON: Não é pouco, considerando que vivemos num mundo circundado por outros mundos, nos quais os Direitos do Homem não são respeitados.